



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

**CURSO DE PEDAGOGIA COM ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO**

EMANUELA ALVES DE MOURA NEVES

**SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE ATORES SOCIAIS:
REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO URBANA E DO CAMPO**

JOÃO PESSOA/PB

2019

EMANUELA ALVES DE MOURA NEVES

**SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA NA PERSPECTIVA ATORES SOCIAIS:
REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO URBANA E DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia - com Área de Aprofundamento
em Educação do Campo da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA/PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N518s Neves, Emanuela Alves de Moura.
Sexualidade e Deficiência na perspectiva de Atores
sociais : reflexões para educação urbana e do campo /
Emanuela Alves de Moura Neves. - João Pessoa, 2019.
27 f.

Orientação: Jeane Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Sexualidade. 2. Deficiência. 3. formação Docente. 4.
Educação Urbano e do campo. I. Silva, Jeane. II. Título.

UFPB/BC

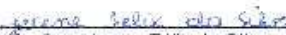
EMANUELA ALVES DE MOURA NEVES

**SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE PROFESSOR(AS):
REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O presente trabalho foi submetido a avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia - com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, na Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 10 de 05 de 2019.

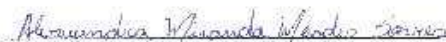
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Jeane Félix da Silva
Orientadora – UFPB/CE/DHP



Prof. Ms. Luciano Souza Silva
Examinadora – UFPB



Profa. Dra. Alessandra Miranda Mendes Soares
Examinadora – UFFERSA

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, que me proporcionou a chegar até aqui com fé. E aos meus professores, em especial a Jeane Felix, que sempre me incentivou e não me deixou desistir. Aos queridos amigos, a meu esposo e a minha filha que sempre estiveram comigo e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me deu a oportunidade de estar em uma Instituição Federal de Ensino; aos meus familiares e amigos; aos professores e professoras; a meu esposo Ailton que nesta jornada de seis anos sempre esteve ao meu lado; a minha filha que torceu por mim em cada seminário apresentado, nunca desistiu de mim, que sempre que precisei me ajudou; aos amigos que levarei para vida toda: Antonio Serafim, Luciano Antonio, Emmanuely Fernanda, Andréa Campelo e Luciana Naziazeno que, do meio para o final, não soltou minha mão. Fora da Universidade, muitos bem de longe torceram por mim, cito aqui minhas amigas Izabel Negreiros e Maria Gildaci.

Entre 2013 e 2019 houveram muitos medos, lágrimas, frustrações... chegar até aqui não foi nada fácil, mas com fé em Deus hoje venho agradecer, no final “tudo deu certo”, apesar das noites em claro, de abdicar de sair para alguma festa, tudo valeu muito a pena. Também passei por perdas como meu querido sogro e meu amado pai. Mas nessa trajetória de quase seis anos também tive alegrias e aprendizados que levarei para vida toda. Agradeço aos meus amigos de trabalho que confiaram em mim, desde o momento que disse que havia passado no vestibular, um sonho que naquele 1 de março virou realidade. Naquele momento, a ansiedade tomou conta de mim e até hoje, não sei explicar tamanha alegria.

Hoje me sinto aliviada, feliz em saber que até aqui tudo foi mérito meu. Sim, me orgulho muito de mim mesmo e sei que posso ainda “ir além”. Sinto hoje uma gratidão ao ver que cada passo que dei valeu muito a pena. Viveria tudo de novo, da mesma forma, pois estava ali para aprender o que deveria aprender. Aos professores e professoras, meu muito obrigada pela paciência e dedicação, alguns guardarei para sempre, outros guardarei no meu coração.

*Se a educação sozinha não transforma a
sociedade, sem ela tampouco a sociedade
mude.*

Paulo Freire

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo conhecer a compreensão de professores(a), gestores(a) e familiares de estudantes de duas escolas públicas na Paraíba sobre as temáticas sexualidades e deficiências; e apontar algumas contribuições para a abordagem desses temas em escolas do campo. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de campo em duas escolas públicas, sendo uma em João Pessoa e a outra no Conde, ambas no estado da Paraíba. A coleta de dados se deu a partir da aplicação de um questionário com 12 (doze) sujeitos, sendo: 06 (seis) professores(as), 02 (dois) gestores(as) e 04 (quatro) mães de estudantes das escolas pesquisadas. Os resultados da pesquisa apontam para um desconhecimento dos sujeitos em relação à sexualidade de pessoas com deficiência, o que demonstra a necessidade de cursos de formação docente abordarem essas questões em seus currículos. Além disso, a pesquisa aponta para a necessidade da abordagem das questões relativas à sexualidade das pessoas da deficiência reconhecendo as especificidades das pessoas com deficiência que vivem e estudam no campo, e a invisibilidade da temática no contexto educativo.

Palavras-chave: Sexualidade; Deficiências; Formação Docente; Educação Urbana e do Campo.

ABSTRACT

This find graduation paper aims to know two Public School teacher's, managers and family members background about sexuality and deficiency and point some contributions to the approach of these themes (topics) in country schools. To reach these proposed objectives, we made a research in two public schools: one in João Pessoa and other in Conde both in the State of Paraíba, Brazil. The data collect was dne by a questionnaire distributed to 12 (twelve) people: 06 (six) teachers, 02 (two) principals and 04 (four) student's mothers in the school related above. The resulto f the research shows that people don't know about the sexuality of the disabled people, what shows the need of a training course about this subject. Besides, the research points the necessity of explanation about the disable sexuality respecting the private way of life from the people that live and study in the country area, and the invisibility of the theme in the educational context.

Keywords: Sexuality, Disabilities, Teachers Training, Urban and Country Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. EDUCAÇÃO DO CAMPO, INCLUSÃO E SEXUALIDADE: ALGUNS CONCEITOS.....	12
3. SEXUALIDADE E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	15
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICE 1.....	24
APÊNDICE 2.....	26

1. INTRODUÇÃO

Atuo como cuidadora de estudantes com deficiência, em uma escola pública, desde 2012. Nessa função, tenho percebido que esses(as) estudantes vivenciam a sexualidade de forma “aguçada” e que a escola não aborda o tema: é como se “nada tivesse acontecendo”, muitos(as) profissionais até acham graça das situações. Um dos estudantes que acompanho com Síndrome de Down, que tem 26 anos, age como uma criança que está se descobrindo, tocando o próprio corpo e o corpo das pessoas com quem convive. Outro estudante, também com 26 anos, diz todo o tempo que “quer namorar” e já ouvi sua mãe relatar que “deixa ele no quarto para fazer suas coisas”, referindo-se à masturbação.

Tal experiência me fez perceber que o tema é pouco abordado nas escolas. Vejo, todos os dias, crianças cheias de dúvidas e professores(as) sem ter explicação adequada para as perguntas e dúvidas que lhes são feitas. Vejo professores(as) assustados(as) com tantas perguntas sobre sexualidade dentro da escola, muitos têm dúvidas e poucos abordam o tema, por vergonha ou medo das opiniões das famílias e outros(as) por falta de conhecimentos científicos sobre o tema. Essas e outras situações, que percebo no cotidiano do meu trabalho, me despertaram interesse para estudar algumas relações entre sexualidade de pessoas com deficiências. Como estudante do curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, tenho desejo de refletir sobre essas temáticas e traçar algumas contribuições para as escolas do campo. Penso que a educação como um todo não pode ser estudada de forma isolada em se tratando de educação sexual nas escolas. A sexualidade é um tema que ainda é considerado tabu, especialmente, quando se trata de refletir sobre esse tema no interior das escolas, particularmente, no tocante à sexualidade de estudantes com deficiência. Assim, com este trabalho, me proponho a contribuir com o debate sobre a abordagem educativa desse tema nas escolas, a partir da percepção de professores(as) da educação básica.

Desse modo, este trabalho tem como objetivos: conhecer a compreensão de professores(as) de duas escolas públicas na Paraíba sobre as temáticas

sexualidades e deficiências; e apontar algumas contribuições para a abordagem desses temas em escolas do campo.

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de campo em duas escolas públicas, sendo uma em João Pessoa e a outra no Conde, ambas no estado da Paraíba. A coleta de dados se deu a partir da aplicação de um questionário com 12 (doze) sujeitos, sendo: 06 (seis) professores(as), 02 (dois) gestores(as) e 04 (quatro) mães de estudantes das escolas pesquisadas. A escolha das escolas ocorreu obedecendo dois critérios: 1) porque atuo como cuidadora de crianças com deficiência em uma delas, (no caso, a escola de João Pessoa); e 2) por se tratar de uma escola do campo (a escola do Conde).

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado da seguinte forma: este Capítulo 1, em que apresento a introdução do trabalho; o Capítulo 2, em que abordo o referencial teórico que sustenta as análises realizadas; o Capítulo 3, no qual são descritos os caminhos metodológicos; o Capítulo 4, no qual aponto os resultados da pesquisa; por fim, apresento as Considerações Finais.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO, INCLUSÃO E SEXUALIDADE: ALGUNS CONCEITOS

No Brasil, de acordo com a Constituição Federal de 1988, a educação é um direito de todas as pessoas, independentemente da cor, do sexo, do local de nascimento, da idade, entre outras características. Com base nessa compreensão, pessoas que antes eram excluídas da escola, tais como as pessoas com deficiência e aquelas que vivem no campo, passam a frequentar esse espaço como sujeitos de direitos. Acredito que “a educação não é sinônimo de escola. Ela é muito mais ampla porque diz respeito a complexidade do processo de formação humana, que tem nas práticas sociais o principal ambiente dos aprendizados de ser humano” (DOSSIÊ MST, ano 2000, p. 233). Em uma sociedade desigual como a nossa, frequentar a escola é um processo de formação importante, na medida em que, para muitas pessoas, é apenas a partir do processo de escolarização que será possível transformar sua realidade social e econômica. Contudo, a escola precisa considerar as aprendizagens oriundas da vida extraescolar de seus (suas) estudantes, sua formação humana.

Nesse sentido, a educação do campo surge como uma proposta para valorizar os saberes aprendidos no campo, as tradições, valores e experiências do povo do campo. Segundo Roseli Caldart (2012, p. 256):

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de políticas públicas, de educação e da formação humana.

Para Arroyo (2012, p. 232) “um dos princípios que orienta a Educação do Campo é que os seres humanos se fazem, se formam e se humanizam no fazer a história”. Para o autor, “a defesa da Educação do Campo se justifica como uma ação afirmativa para correção da histórica desigualdade sofrida pelas populações do

campo em relação ao seu acesso à educação básica e superior” (p. 234). Ou seja, a educação do campo não é simplesmente ter escolas para as pessoas que vivem no campo, mas é garantir que essas escolas abordem e reconheçam os saberes produzidos no campo.

Contudo, as escolas do campo não são iguais, as pessoas que nela estudam e trabalham também não são iguais. Ou seja, há que se considerar, nas escolas do campo, a existência da diversidade. Os sujeitos do campo, assim como os sujeitos da cidade, não são iguais. São diferentes na forma de viver, ser, pensar e agir. Há, homens e mulheres de todas as idades; negros, indígenas, brancos; heterossexuais, bissexuais, homossexuais. Existem, no campo, pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência. Por isso, é importante reconhecer que existe a necessidade de refletir, também nas escolas do campo, sobre diversidade de diferentes tipos. A diversidade é, de acordo com o Dicionário Michaelis Online, “qualidade daquilo que é diverso, diferença, dessemelhança, variação, variedade; Conjunto que apresenta características variadas; multiplicidade¹”. Arroyo (2012, p. 232), diz que a educação do campo “carrega as marcas históricas da diversidade de sujeitos coletivos, de movimentos sociais que se encontram nas lutas por outra educação em outro projeto de campo e de sociedade. Reconhecer essa diversidade enriquece o projeto de Educação do Campo.

Nas escolas do campo, assim como nas demais escolas, existem relatos de dificuldades para lidar com as questões da diversidade. Neste trabalho, destaco a abordagem das temáticas sexualidade e deficiências por compreendê-las como fundamentais para o trabalho educativo no âmbito da diversidade. Segundo Maia & Ribeiro (2009, p. 13): “parece muito polêmico falar de sexualidade quando se trata de pessoa com deficiência. Em primeiro lugar, porque sexualidade para todos nós é um tema relacionado a tabus, valores e concepções pessoais culturais”, segundo porque as pessoas com deficiência são, muitas vezes, percebidas como pessoas que não possuem ou não vivenciam a sexualidade.

O campo é um espaço de vivência de diversidade. No campo, e nas escolas do campo, existem pessoas diferentes e diversas. Segundo Arroyo (2012, p. 231):

¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diversidade/>. Acesso em: 03/04/2019.

“podemos levantar a hipótese de que o reconhecimento da diversidade não enfraquece, e sim fortalece, os princípios em que se assenta a construção teórica da Educação do Campo, do projeto de campo e de sociedade”. Para o autor, as escolas do campo são espaços de convivência de uma “diversidade de sujeitos e de coletivos sociais, étnicos, raciais, de gênero [e eu acrescentaria, pessoas com deficiência]. Pesquisar a fundo essa construção é uma exigência na conformação da Educação do Campo” (ARROYO, 2012, p. 231).

As pessoas com deficiência, assim como todos os demais cidadãos brasileiros, possuem o direito constitucional à educação; de serem educadas pelo princípio da equidade, na perspectiva da inclusão. Ou seja, devem ser respeitadas em suas diferenças e incluídas em escolas regulares, desde que atendidas suas especificidades. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/20015), Art. 2º, uma pessoa com deficiência é aquela que possui algum tipo de “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. Assim, uma escola inclusiva é aquela que considera as especificidades das pessoas com deficiência, atuando para que ela desenvolva processos de aprendizagem compatíveis com suas particularidades.

Considero a sexualidade como parte integrante do desenvolvimento humano. Todas as pessoas possuem sexualidade, inclusive as pessoas com deficiência. Sendo assim, considero fundamental que as escolas abordem essa temática, percebendo as vivências dos e das estudantes com deficiência. Passo a apresentar o que pensam professores/as, gestores/as e familiares de estudantes com deficiência sobre o tema. Antes, apresento os caminhos metodológicos deste TCC.

3. SEXUALIDADE E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO URBANA E DO CAMPO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa que seria aquela que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA & CÓRDOVA, s.d, p. 31). A pesquisa qualitativa busca “explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (p.32).

A pesquisa foi realizada em duas escolas, uma localizada no município de João Pessoa e outra no Conde. A coleta de dados se deu, entre os meses de junho a outubro de 2018, a partir da aplicação de um questionário (Apêndice 1) com 12 (doze) sujeitos. O questionário, segundo Gil (2008, p. 121), é um “conjunto de questões que são submetidas as pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, comportamento presente ou passado etc.”.

Na escola de João Pessoa, os sujeitos foram escolhidos a partir de minha vivência como cuidadora naquele espaço: convidei as mães mais presentes cotidianamente na escola (que foram 02), as duas gestoras e todos/as os/as professores/as (sendo que 06 aceitaram participar da pesquisa). Na escola do Conde, aceitaram participar 02 docentes. Em ambas as escolas, o questionário foi entregue aos/às informantes e, num segundo momento, eles/as me entregavam o questionário preenchido.

No questionário, os/as participantes foram provocados/as a responder o que compreendem por sexualidade e quais suas percepções acerca do trabalho educativo com as questões de sexualidade junto às pessoas com deficiência. Antes de responder ao questionário, cada participante era informado sobre os objetivos da pesquisa, a metodologia empregada e, em seguida, eles/as eram convidados a preencher um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice 2). Dito isso, passo, a seguir, a apresentar a caracterização das escolas pesquisadas.

A escola 1, localizada em João Pessoa, é considerada de grande porte, pois encontram-se nela matriculados/as mais de mil estudantes. A escola oferta do primeiro ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Minha atuação na escola é em uma sala da EJA, espaço destinado aos/às estudantes dessa modalidade que possuem algum tipo de deficiência. A estrutura da escola é composta por 18 salas de aulas, sendo todas climatizadas, 2 banheiros adaptados, 3 gestores que atuam de forma integral dentro e fora da escola. A escola dispõe de uma quadra coberta com banheiros e vestuários masculino e feminino todos adaptados que servem também como apoio aos atletas que ali fazem seus exercícios físicos e suas aulas de educação física, possui também rampas de acesso para cadeirantes muito bem acessível para alunos cadeirantes a escola e muito bem estruturada e conservada.

A escola 2, situada no Conde oferta apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental e é considerada de pequeno porte. Ao todo, a escola possui 6 docentes, sendo que 3 atuam no turno da manhã e 3 no turno da tarde. A escola tem em seu quadro de profissionais: 2 merendeiras, 1 porteiro, 3 auxiliares de serviços gerais e 2 gestoras. A escola do campo é muito bem estruturada tendo uma quadra coberta aonde os alunos fazem suas aulas de educação física e serve também para os eventos da escola como datas comemorativas,

Em relação aos sujeitos da pesquisa, temos o seguinte panorama: 11 (onze) mulheres e 01 (um) homem, entre 26 e 50 anos. São 02 (duas) mães de alunos/as, 02 (duas) gestoras, 08 (oito) professores/as. Entre os/as profissionais, alguns possuem curso superior. As mães possuem apenas o Ensino Médio. Os perfis dos sujeitos desta pesquisa são detalhados no quadro a seguir:

Nome²	Idade	Escolaridade	Papel
Ana Bela	44	Ensino Médio	Mãe de aluno
Maria Flor	44	Magistério	Professora
Clara Maria	53	Pedagogia	Professora
João Manuel	23	Magistério	Professor
Flor de Liz	56	Pedagogia	Coordenador
Maria	63	Magistério	Gestora
Paulo Flor	47	Letras/Magistério	Gestor
Nina do céu	48	Ensino Médio	Mãe de aluno
Vera Lúcia	52	Pedagogia/Artes	Professora
Bruna Silva	44	Pedagogia	Coordenadora
Pietra Liz	56	Pedagogia	Professora

A seguir, passo a analisar as questões abordadas no questionário em diálogo com o referencial teórico estudado.

² Nomes inseridos na tabela são fictícios.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Como já foi dito, a abordagem da temática da sexualidade junto a pessoas com deficiência é um desafio e um tabu. Segundo Gesser & Nuemberg (2014, p. 853): “Embora a deficiência seja um fenômeno cada vez mais presente no cenário mundial, ainda se perpetuam barreiras arquitetônicas e atitudinais que geram diversas formas de violação de direitos”. Entre as violações de direitos está o desrespeito às pessoas com deficiência como sujeitos de sexualidade. Essas violações, segundo os autores, podem ser encontradas “nos diversos contextos sociais (escolas, serviços de saúde, meios de comunicação, comunidades), produzem opressão e limitam a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos das pessoas com lesões e impedimentos corporais. A problematização desse cenário será contemplada no próximo tópico” (GESSER & NUEMBERG, 2014, p. 853).

Na nossa sociedade, falar em sexualidade tornou-se um tabu. Nas escolas, cada vez mais, professores(as) são impedidos de trabalhar de modo educativo essa temática. As pessoas com deficiência são vistas como se não tivessem sexualidade, não vivessem sexualidade. Sendo assim, me interessei por conhecer o que os/as participantes dessa pesquisa entendem pensam sobre o trabalho com a sexualidade na escola. Vejamos o que dizem:

Em relação a prevenção e cuidados acho bastante válido. (Ana Bela, mãe de aluno, 05 de junho de 2018)

Ana bela, em sua abordagem sobre o tema me fala da grande importância do tema ser abordado na escola que deveria ser mais elaborado essas questões com e de direito e deve ser dito como está nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1997).

As respostas ao questionário indicam que a professora concorda que a temática sexualidade seja abordada na escola. Contudo, será que concordam que seja abordada com estudantes com deficiência? Assim, no que diz respeito à opinião dos/as participantes acerca da abordagem de questões de sexualidade com estudantes com deficiência, temos o seguinte:

A abordagem é necessária para a construção de conhecimento sobre o tema. (Maria Flor, professora, 12 de Junho de 2018)

Ao serem questionados/as se costumam abordar as questões de sexualidade em suas salas de aula, uma das participantes da pesquisa disse que:

Sim, trabalhamos primeiro o respeito com o outro, visto que a sexualidade deles é bastante aguçada. (Clara Maria, professora, 10 de Julho de 2018)

João Manuel, gestor de uma das escolas da pesquisa, achou o tema e inovador por se tratar de pessoas com deficiência. Em suas palavras: *“o tema deve sim ser abordado por fazer parte de uma realidade escolar e que deve sim ser levado para as salas de aula de forma sucinta”*. Clara Maria, outra participante, quando foi questionada se, na sua escola, o tema sexualidade era abordado, afirmou que *“ainda falta interesse da gestão e coordenação de abordar esse tema, pois deve ser trabalhado o respeito e as diferenças dentro e fora da escola”*. A participante Flor de Liz aponta que *“deve ser desenvolvido conversas e oficinas a respeito do tema na escola, em relação aluno/professores pois visa um conhecimento de mundo e assim fica tudo mais claro nos corredores da escola”*. As falas dos/as participantes da pesquisa indicam concordância deles/as quanto a abordagem do tema na escola.

Maria, gestora de uma das escolas, diz que *“tudo que se envolve o aluno esse tema ainda é bastante silencioso”*, mas, segundo ela, a pesquisa feita despertou sua curiosidade para assim falar com os/as coordenadores/as para que este tema seja abordado e, assim, *“as informações seriam mais claras e os educadores não levariam dúvidas para casa”*.

Outro participante, Paulo Flor, diz que o tema *“ainda é pouco falado, mas que deve ser abordado, apesar da resistência das famílias dos alunos, por questões culturais e religiosas ou até mesmo por se sentirem envergonhados por considerarem a sexualidade um assunto polêmico”*.

Mais adiante, no questionário, foi perguntado o que cada participante compreendia por sexualidade. Vejamos o que disse um dos participantes:

Sexualidade envolve o crescimento do indivíduo na parte intelectual, física, afetiva, emocional e sexual. (Nina do Céu, mãe de aluno, 03 de Julho de 2018)

Nina do Céu, disse que todo crescimento é feito a partir de sua vivência afetiva e emocional e que o tema deve ser abordado na escola, de forma que o indivíduo compreenda que a sexualidade é algo natural, faz parte da vida de todos e todas nós.

Em seguida, perguntei se na opinião de cada participante, o tema sexualidade deveria ser abordado e, se sim, de que modo. Em linhas gerais, os/as participantes desta pesquisa mostraram muito interessados/as no tema proposto, mas houve certa resistência, pois é um conteúdo ainda polêmico e desagrada as famílias que não possuem conhecimento sobre o tema. Falar de sexualidade nas escolas é de grande importância para o desenvolvimento do/a aluno/a e seu desempenho dentro e fora da escola. Contudo, há a necessidade de uma preparação dos/as profissionais da área justamente por ainda haver tanta resistência e de certa forma, preconceito relacionado ao tema tanto da parte dos familiares dos/as alunos/as, quanto dos profissionais.

Na sequência, o questionário trazia a seguinte pergunta: Como o(a) senhor(a) lida com as manifestações sobre sexualidade de seus alunos(as)/filhos(as)?

Vera Lúcia, uma das professoras, muito sucinta em sua resposta, diz que "toda forma de ser humano envolve a sexualidade e que é necessário haver essa abordagem na escola", ela como professora relata ter dúvidas em questão de alguns alunos com perguntas a respeito da sexualidade, dando respostas insatisfatórias.

A próxima questão apresentada no questionário era a seguinte: Você tem / ou teve algum estudante com deficiência? Se sim de que tipo? Conte-nos como o senhor(a) lida com manifestações da sexualidade desses (as) alunos(as)? Percebia alguma diferença entre os demais em relação à sexualidade? Orientando-os sobre esse aspecto e conversando com os pais, sobre o que está acontecendo. De maneira geral, os/as participantes disseram que às vezes uns com mais intensidade se manifestam. Na maioria das vezes, é difícil lidar.

Por fim, o questionário interrogava se os/as participantes possuíam alguma formação sobre sexualidade e, em caso afirmativo, se essa formação havia preparado para lidar com questões envolvendo sexualidade e deficiência. Como é

possível perceber, os/as participantes desta pesquisa percebem a vivência da sexualidade entre os/as estudantes das escolas em que convivem, contudo, possuem pouco conhecimento para abordar tais questões. É fundamental que os/as profissionais da escola, e também os familiares, percebam que a escola é o espaço para o trabalho educativo com as questões da sexualidade, e isso inclui as escolas do campo e as pessoas com deficiência que ali vivem. Segundo Gesser e Nuemberg (2014, p. 853), há diversos estudos que apontam para “violações dos direitos sexuais e reprodutivos das pessoas com deficiência. Há indicações de que as barreiras tanto arquitetônicas como, principalmente, atitudinais (mitos, tabus e preconceitos) são elementos que corroboram a constituição desse fenômeno”. É preciso reverter essa situação.

Chamo atenção para a invisibilidade da sexualidade de pessoas com deficiência que vivem no campo, porque somam discriminações, silenciamentos, invisibilidades. No Curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, no qual estou me formando, essas questões sequer são abordadas formalmente em nossa matriz curricular. Se nos formamos, especialmente, para atuar em escolas localizadas em contextos do campo, precisamos aprender sobre a diversidade de pessoas que ali vivem e entre essa diversidade, destaco as deficiências e a sexualidade. Para Arroyo (2012, p. 231): "o reconhecimento da diversidade não enfraquece, e sim fortalece, os princípios em que se assenta a construção teórica da Educação do Campo, do projeto de campo e de sociedade".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada, pode-se afirmar que a sexualidade está presente nas escolas, incluindo as escolas do campo. A sexualidade faz parte da vida de todos/as nós, não deixamos de ter sexualidade quando entramos na sala de aula. Os/as participantes desta pesquisa reconhecem que o tema da sexualidade está na escola, mas nem sempre acham que é importante abordá-lo.

Em relação às pessoas com deficiência, percebo que há uma invisibilidade no que diz respeito à vivência da sexualidade. Nesse sentido, acredito que é importante que futuros(as) pedagogos(as) sejam preparados(as) para lidar com essas questões, inclusive nas escolas do campo, pois, nas palavras de Arroyo:

Um dos princípios que orienta a Educação do Campo é que os seres humanos se fazem, se formam e se humanizam no fazer a história. Consequentemente, a diversidade de formas de fazer a história e o fato de os seres humanos serem reconhecidos como sujeitos de história ou serem segregados da nossa história imprime determinadas marcas no fazer-se, no formar-se, no humanizar-se que exigem reconhecimento na teoria e nos projetos de formação (ARROYO, 2012, p. 232).

Nesse sentido, os projetos de formação de pedagogos(as) para atuarem em escolas do campo deve se constituir e se atravessar pelas diversos sujeitos e a imensa possibilidade de existência para cada um/a. Reconhecendo as pessoas com deficiência como sujeitos de direito e entre esses direitos o exercício da sexualidade, são sujeitos da diversidade e tem o direito de exercê-la da maneira que quiserem e puderem. Assim, aprendi que precisamos “levar em conta essa diversidade de reconhecimentos na construção de nossa história enriquece e torna mais complexo o projeto de educação em um de seus princípios básicos: o de que nós fazemos fazendo a história.” (ARROYO, 2012, p. 232).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Verbetes: Diversidade**. In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <http://www.epsvj.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>.

BRASIL. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 18/04/2019.

CALDART, Roseli. **Verbetes: Educação do Campo**. In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <http://www.epsvj.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>.

DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. **Verbetes: Diversidade**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diversidade/>. Acesso em: 03/04/2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GESSER, Marivete; Nuenberg, Adriano Henrique. Psicologia, Sexualidade e deficiência: novas perspectivas em direitos humanos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 34(4):850-863, 2014.

MST (Paraná). **Escola itinerante como espaço de formação e escolarização das famílias Sem Terra**. Curitiba, Setor de Educação de MST do Paraná, 2006. Cartilha: Todo e Toda Sem Terra Estudando.

SILVEIRA, Denise Tolfo & CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **Unidade 2: A pesquisa científica**. Disponível em: http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica_d_e_Pesquisa_I_Aula_2.pdf. Acesso em: 20/04/2019.

PAULA, Ana Rita de; REGEN, Mina; LOPES, Penha. **Sexualidade e deficiência: rompendo o silêncio**. São Paulo: Expressão e Arte, 2005.

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: **documento completo, atualizado e interativo**. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-documento-completo-atualizado-e-interativo>. Acesso em: 13/03/2019.

APÊNDICE 1 - Questionário



Universidade Federal da Paraíba

Eu, **Emanuella Alves de Moura Neves**, estudante do curso de Pedagogia do campo da Universidade Federal da Paraíba, venho através desse questionário pedir a colaboração de vossa senhoria para responder este questionário para construção de meu trabalho de conclusão de curso TCC como tema: **Sexualidade e deficiência na perspectiva de professores (a), que atuam em uma escola do campo.**

Questões:

1-O que o (a) senhor (a) pensa sobre o trabalho com questões de sexualidade na escola?

2- Qual sua opinião acerca da abordagem de questões de sexualidade com estudantes com deficiência?

3- Você costuma abordar esse tema em sua sala de aula? Se sim, comente, se não diga-me por quê?

4- Para você o que é sexualidade?

5- Na sua escola o tema sexualidade é abordado? Se sim, de que modo?

6- Como o (a) senhor (a) lida com as manifestações da sexualidade de seus alunos?

7- Você tem/ou teve algum (a) estudante com deficiência? Se sim de que tipo? Conte-nos como o (a) senhor (a) lida com as manifestações da sexualidade desses (as) alunos (as)? Percebia alguma diferença entre os demais em relação à sexualidade?

8- Você já teve alguma formação sobre esses temas? Comente?

9- Como a gestão/coordenação da escola lida (m) com o tema da sexualidade?

10- Deixe aqui sua opinião sobre o tema sexualidade e deficiência nas escolas TDA- (transtorno de déficit da aprendizagem).

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é sobre XXXXXXXX e será sendo desenvolvida por XXXX, estudante da Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - Campus I, sob matrícula XXXXX, e tem orientação da Profa. Dra. _____ de Sá.

A pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem por objetivos XXXXXXXX.

Solicitamos a sua colaboração para que participe da coleta de dados de referida pesquisa, respeitando o seu questionário semiestruturado, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de formação e mais a publicar em revistas científicas e outros meios de divulgação acadêmica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas.

A pesquisadora, ciente de sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa,

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa - PB, ____ de ____ de 201__.

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Educação -CE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a): Cíndia

Esta pesquisa é sobre: **Sexualidade e deficiência**, na perspectiva de professoras que atuam em uma escola do campo e está sendo desenvolvida por: Euzenilda Alves de Moura Neves, estudante do Curso de Pedagogia do Campo da Universidade Federal da Paraíba - Campus I, sob matrícula 11317542, e tem como orientação da Profa. Dra. Joane Félix de Silva.

A pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem por objetivos Refletir sobre a abordagem das temáticas sexualidade e deficiências na percepção de professoras e professoras em uma escola do campo.

Solicitamos a sua colaboração para que participe da coleta de dados da referida pesquisa, respondendo a um questionário semi-estruturado, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Educação e suas e publicar em revistas científicas e outros meios de divulgação acadêmica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, esta senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaram que foi devidamente esclarecido (a) e deu o seu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Assim, ciente que receberá uma cópia desse documento.

Ficou Pessoa - PB, 05 de fevereiro de 2018.

Euzenilda Alves de Moura Neves

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa